



**PAPA DE TRANSIÇÃO JOÃO XXIII? CERTO.
PORÉM NÃO ENTRE DOIS PONTÍFICES, E
SIM ENTRE DUAS ÉPOCAS HISTÓRICAS**

**A
V
E

M
A
R
I
A**

ANO LXIV

São Paulo,
23-6-1963

NÚMERO 12

EU QUE SOU O PAPA

O Cardeal Roncalli, acaba de ser eleito Papa. Na sacristia da capela sextina, Mons. Capovilla, seu conclavista, o auxilia a pôr as vestes papais, sem entretanto poder conter as lágrimas de emoção. Em dado momento atalha o Pontífice

— *Meu filho, lembre-se que está aqui para me ajudar e não para chorar. Afinal de contas, foi a mim, e não a você, que fizeram Papa.*

DUA VÉZES MAIS

Certa manhã João XXIII recebeu os "sediarii", ou seja, os portadores da sédica gestatória e lhes foi dizendo:

— *Preciso aumentar-lhes o salário, em dôbro; pois eu peso duas vezes mais que meu predecessor.*

AMIGO DOS HUMILDES

Sómente em seu primeiro ano de pontificado João XXIII saiu mais de 40 vezes do Vaticano para suas visitas aos doentes e pobres dos arredores de Roma. Em alguns subúrbios, a gente simples chamava o Papa de "Tiovanni".

PASTOR DE TODOS

A notícia da visita do Papa aos presos da penitenciária "Regina Caeli" de Roma, correu mundo. A propósito de tais visitas houve quem lhe quisesse fazer compreender, que isso não ficava bem a um Papa. E João XXIII respondeu não sem branda ironia:

— *Também das ovelhas extraviadas eu sou o Pastor.*

AVE MARIA

ANO LXIV ★ NÚMERO 12
São Paulo, 23 de Junho de 1963

— PADRES CLARETIANOS —

Diretor:
Pe. José de Matos, C.M.F.

ASSINATURAS:

Anual Cr\$ 500,00
Número avulso . . . Cr\$ 20,00

RED. E ADMINISTRAÇÃO
R. Jaguaribe, 761 - Caixa 615

OFICINAS:

R. Martim Francisco, 646-656
Telefone 52-1956 - São Paulo

INFORMANDO O MUNDO TODO

★ 250 jornalistas, correspondentes especiais, acompanharam durante quatro dias no Vaticano a lenta agonia do Papa, informando o mundo todo dos últimos momentos de Sua Santidade. No final, já estavam com os nervos tensos, pois há 50 horas não dormiam.

AS VOLTAS COM O PROTOCOLO

Era nos primeiros tempos de Papa. Terminada a conversa, um jesuita que visitara o Papa em Castel Gandolfo, dele se despediu e já tinha desido a escada, quando surpreso viu João XXIII bradando e acenando para ele:

— Suba, meu Padre, volte depressa aqui.

De novo, em seu escritório, o Papa o fez sentar e advertiu:

— Esquecia-me do protocolo. Agora vou tocar a campainha. Virá um guarda nobre que o acompanhará até

O bom Papa João XXIII

a escada. Aqui é assim. Ligam muito para "essas coisas".

E o bom velhinho se ria "destas coisas".

AUGÚRIO E PROFECIA

Em seus primeiros anos na Bulgária encontrou-o, duma feita, velho monge orodoxo, e ao reconhecê-lo em Roncalli um bispo católico, inclinou-se com profunda reverência oriental e ao beijar-lhe o anel proferiu este augúrio profético:

— Monsenhor, lhe desejo a doçura de David e a prudência de Salomão!

SÃO COISAS DE CURAS

Em abril de 1921 Angelo Roncalli fôra escolhido como prelado doméstico de Sua Santidade. Indo a Sotto il Monte com as novas vestes vermelhas, as velhas do lugarejo perguntavam à sua mãe:

— *Que se passa com seu filho, que anda com estes trajes de bispo?*

E sua mãe, alma ingênua e simples, saiu com esta, que tanto iêz rir ao filho monsenhor:

— *Lá sei eu; são coisas que os curas arranjam para eles.*

SEMPRE DE BOM HUMOR

Ainda nos primeiros momentos de Papa, ao vestir a batina branca (a mais folgada das cinco que foram preparadas), resultou apertada, impedindo-lhe a desenvoltura dos gestos. E muito propósito segredou o neopontífice aos que o acompanhavam:

— *Já começo a sentir a prisão do pontificado.*

É VERDADE

Falou em certa ocasião o mesmo João XXIII:

— *Dizem que sou feio, é verdade. Dizem que sou bom, também é muito verdade.*

APENAS SARGENTO

Em uma de suas audiências João XXIII recebeu um grupo de militares graduados. Ao se ajoelharem, o Papa impediu que o fizessem, dizendo-lhes com seu habitual sorriso:

— *Na primeira guerra mundial fui apenas sargento, e vós sois oficiais.*

SOMENTE SEU VIGARIO

Em outra audiência, a Superioras Religiosas, cada qual por si mesma se apresentava ao Papa. Uma disse, usando ou meio abusando de uma figura literária, que os retóricos chamam elipse:

— Sou a Superiora do Espírito Santo.

Ao que João XXIII retrucou com bonomia:

— Pois eu... sou apenas seu Vigário.

AMOR FRATERNO

Em belo gesto de amor fraterno os quatro irmãos do Papa, Savério, Alfredo, Giuseppe e Assunta, apesar de idosos, permaneceram junto de seu leito de agonia até o último instante. Simples camponeses, sentiam-se acanhados e retraídos em meio aos eminentes purpurados, que atendiam ao Sumo Pontífice em seus derradeiros dias. Assunta que fôra enfermeira, humedecia de quando em quando um lenço na bacia de prata que tinha consigo, para aplicá-lo sobre a fronte do irmão agonizante.

AVISO

★ O Irmão Propagandista da "AVE MARIA" visitará as seguintes localidades:

Paranavaí, Mandaguacu, Maringá, Marialva, Mandaguari, Andirá, Santa Mariana, Rolândia, Apucarana, Araçongá, Cambé, Londrina, Cornélio Procopio, Cambará, Bandeirantes, Santo Antônio da Platina, Wenceslau Braz, Joaquim Távora, Tomazina, Jaguariaíva, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Palmeiras, Jundiá, Louveira, Valinhos, Vinhedo, Americana e Sumaré.

★ Ao comunicado oficial, pelo Pe. Carlos Gabarri, da morte do Papa aos jornalistas reunidos na sala da imprensa do Vaticano, seguiu-se um instante de silêncio. Segundos após correram aos telefones os correspondentes das agências internacionais, e em todos os idiomas, gritaram: O PAPA MORREU. Imenso clamor, em que se confundiam expressões de todo o mundo.

ORAÇÃO FÚNEBRE

do Papa João XXIII

Proferida por D. Antônio Maria Alves de Siqueira, na Catedral Metropolitana de São Paulo, por ocasião das solenes exéquias, a 10 de junho de 1963.

ERA sol-pôr do primeiro dia na Oitava do Espírito Santo, quando, filhos orfãos, pranteávamos o crepúsculo de um outro Sol, caricioso e bom, flamante e luminoso.

O risonho ancião, que desejava um novo pentecostes sobre a Igreja, santificando-a no amor e abraçando-a na unidade.

E Deus o concedera a seu servo.

Porque ele fora um Sacramento de amor, simbolizando e realizando o espírito de Deus sobre a face da terra.

Como os Apóstolos, depois do Cenáculo, também ele falara uma língua que todos compreenderam, porque era a linguagem do amor.

E como Pai, agora reunira em torno de seu leito de agonia e de seus despojos venerandos, todos os filhos, de todos os quadrantes, de todos os extremos, os de dentro e os estranhos, os muitos estranhos, cuja voz escoava surpresa de sentir-se unida no mesmo ramallete afetoso, em torno do coração de um Pai, autêntico e bemquerido.

* * *

Que este momento, alto e emocionante, nos enseje fruir de sua santa memória e de suas imortais lições.

* * *

Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Joannes.

Houve um homem, enviado por Deus, cujo nome era João.

A princípio, ele foi Angelo. Angelo José Roncalli. Surgiu a 25 de novembro de 1881. Ele vinha como um anjo alvissareiro, primeiro filho varão, à família que contava já duas meninas, e que conheceria mais dez filhos ainda, numa generosidade que o Senhor recompensava com a serenidade da pobreza e com a alegria do trabalho.

Em Sotto il Monte, junto a Bérgamo, nos primeiros aclives da planície do Pó, em direção aos Alpes.

Neves e videiras, bonitas árvores ricas de frutos, e almas simples ricas de bondade.

Brandura e paz. Famílias numerosas, vivendo de seu trabalho e alimentando-se de piedade profunda. Tranquílias, porque não se angustiavam na preocupação pagã das riquezas acumuladas.

Uma família, a paróquia. O vigário era o pai de verdade, sua palavra era a um tempo homília e crônica social, jornal e Evangelho, estreitando em formosa unidade aqueles camponeses humildes e felizes.

Numa pobreza sadia, que ele honrará até o último instante da vida, e que há de comemorar entre louvores, no seu testamento admirável: 'Pobreza estrita e abençoada, pouco exigente, mas que garante o desenvolvimento das mais altas virtudes e prepara as grandes ascensões da vida'.

Angelo floresceu nesse ambiente.

Começou a estudar, fez sua Primeira Comunhão, sentiu o fascínio dos livros, mas sobretudo do Missal e do Breviário. Já decidido à carreira sacerdotal, seu primeiro contacto com o Latim e a Análise Lógica foi um pouco rude,

custando-lhe algumas palmadas da parte do Pe. Bolis, mestre improvisado, melhor versado talvez no Latim que na Pedagogia...

Garoto, coroinha, teve a primeira oportunidade de ouvir falar do Brasil. Ele mesmo nos contou, na carinhosa recepção que nos deu, aos Bispos brasileiros, em novembro do ano passado, por ocasião da 1.ª Sessão do Concílio Ecumênico. 'Era uma tarde, eu vinha saindo da Bênção, na Igreja de minha terra, e vi no fundo do largo, uma reunião numerosa, onde falavam alto, choravam e se abraçavam. Cheguei perto para saber o que era, e me disseram que era gente que ia embora, para a América, para o Brasil... Anos depois, ouvi falar de novo do Brasil. Daquelles emigrantes bergamascos, muitos tinham voltado, alguns alegres, outros fracassados, e muitos tinham ficado na outra Pátria, aclimatados, prósperos e felizes! E eu comecei a querer bem ao Brasil...'

* * *

Angelo não veria jamais terras da América.

Para outras missões o reservava a Divina Providência. Aos doze anos, seminarista em Bérgamo, sua formação o colocava decisivamente num sentido pastoral e, quase prematuramente, na tomada de consciência dos problemas sociais da época. Exercitava-se na piedade e no estudo, na obediência e na paciência, no silêncio e na concórdia, num início de experiência humana que o iria levar à mais aguda compreensão psicológica e a mais lídina caridade cristã, no clímax de sua vida.

O Seminário Romano o recebeu em 1901. Calmo e disciplinado, vizinhos ali o infeliz Bonaiuti. Mas colocou a sua Teologia em vias mais seguras, ordenando-se a 10 de agosto de 1904, sacerdote do Altíssimo. Após a primeira Missa, em São Pedro, no dia seguinte, ele se meteu anônimo na multidão, para ver o Papa, o Santo Pio X. Mas o apresentaram:

— Santo Padre, aqui está um jovem sacerdote de Bérgamo, que hoje rezou sua Primeira Missa.

Pio X se deteve. Com o coração a bater descompassado, o futuro João XXIII disse, ao Papa, a primavera de seus anelos sacerdotais.

— Bravo, redarguiu Pio X. Eu te abençoo. Procura honrar sempre tuas resoluções santas!

Que bênção! Que profecia!

* * *

Feito secretário do grande Bispo Mons. Radini Tedeschi, em Bérgamo, Pe. Angelo viveu dez anos de maravilhoso apostolado, numa simbiose de ação e de coração junto a seu Bispo, cuja vida ele escreveu depois, em obra emotiva, cujas virtudes ele copiou em abençoado roteiro de vida pastoral.

Multiplicavam-se suas atividades: professor de Apologética e de História Eclesiástica no Seminário, Assistente da Ação Católica, membro de várias Comissões Diocesanas, achava ainda tempo de ir às bibliotecas, valorizando as qualidades de historiador que repontavam nele, e que lhe ensinaram produzir obras notáveis, estimulado e dirigido

Mater mea! minha Mãe!

Todos sabemos como o Papa João XXIII quis bem a Nossa Senhora e quanto propagou suas glórias e seu culto.

Reunimos aqui as referências mariais dos dias de sua agonia e santa morte, colhidas nos noticiários daqueles dias de dor e luto universal. Mesmo que nem tudo a imprensa tenha divulgado, já significa bastante o que então apareceu nas páginas dos jornais e revistas.

DE SEU TESTAMENTO. Em seu piedoso testamento se acham estas expressões sobre Nossa Senhora: "Sob o auspício querido e confiante de Maria, minha Mãe Celeste, a quem está consagrada a liturgia deste dia (12 de Setembro de 1961)..., deponho aqui e renovo o meu testamento". "Na hora do adeus... Meus filhos e

meus irmãos, até breve... Em nome de Jesus, nosso amor, de Maria nossa e sua dulcíssima Mãe..."

O CANTICO DE MARIA. Domingo, 2 de junho, João XXIII ao recuperar os sentidos rezou às 7,57, o Magnificat em louvor da Santíssima Virgem Maria.

AO SOM DA "AVE MARIA". Ao lado de seu leito de agonia, sobre a mesinha com os medicamentos, um relógio, presente de sua diocese de Bérgamo, ao dar horas tocava a "Ave Maria".

PRECE MARIANA. Gostava o venerando ancião de rezar uma oração, composta pelo Papa Inocência III, que assim principia: "Ave Maria, esperança do mundo..."

RECITANDO O TÊRÇO. Na ampla praça de São Pedro se formavam grupos de pessoas, para rezarem juntas, o têrço pela recuperação da saúde do Papa.

OS SINOS DE NOSSA SENHORA. Em Paris, na igreja de Nossa Senhora, em intervalos de meia em meia hora, seus sinos dobraram a finados 82 vezes, em memória da idade do Pontífice falecido.

ÚLTIMA PALAVRA. Mons Cavagna, confessor de João XXIII, que o assistiu em todo tempo de sua prolongada agonia afirmou ter sido a última palavra de Sua Santidade, esta exclamação confiante e amorosa, dirigida a Maria Santíssima: "Mater Mea!" — Minha Mãe!

por Mons. Aquiles Ratti, o Papa bibliotecário da Ambrosiana.

Quando desapareceu o pugnaz Bispo de Bérgamo, Pe. Angelo Roncalli andou caminhos vários:

A Capelania Militar, onde a par de humilhações pacientemente suportadas, fez carinhosamente tanto bem aos soldados.

O Seminário, de nôvo, agora como extraordinário suscitador de vocações e Diretor Espiritual admirável, sobretudo ao guiar aquelas jovens almas levíticas, por vezes tempestuosas, à procura da paz interior e abandono a Deus.

Amigo dos moços, abrindo, pioneiro, para eles uma Casa do Estudante, acolhedora, sem regulamentos de colégio, mas plena de espírito cristão.

Pregador notável, apresentando a mais aplaudida conferência no Congresso Eucarístico de Bérgamo, em 1920, sobre a Eucaristia e Nossa Senhora.

Apóstolo polimorfo, dando-se a tôdas as atividades de zelo, alargando todos os campos, em tal maneira que diziam a sorrir: Pe. Roncalli pretende organizar até as telefonistas. Não poderia contentar-se com os sacristães?

* * *

Não. O zelo daquele pastor indormido transbordava todos os limites. E escoava fora. Em 1921, êle foi chamado pelo Cardeal Van Rossum para Roma, como Diretor da Obra da Propagação da Fé, que ainda procurava seus caminhos. E foi tão eficiente na reorganização e expansão das obras missionárias, que Pio XI buscou a colaboração do já Mons. Roncalli, no Motu Próprio com que elevou à Pontifícia a Entidade apostólica.

O ano santo de 1925 conheceu o auge de seu trabalho missionário. Roncalli multiplicava-se em tôdas as partes, em todos os Congressos, para culminar na famosa Exposição Missionária com que Pio XI quis corporificar o seu desígnio de um duplo movimento oportuníssimo — De Roma para as almas, das almas para Roma.

Mons. Roncalli ia iniciar logo a carreira diplomática. Talvez contra a sua vontade, mas essa era a missão do Senhor. *Missus a Deo.*

Designado Visitador Apostólico, na difícil Bulgária, de Boris III, êle foi feito Bispo. Preparou sua sagração com

calma e piedade. Espelhava-se nestas suas cândidas expressões: "Ser nomeado Bispo só representa uma coisa grande ao espírito de quem busca a glória do Senhor e não o brilho fugaz de satisfações terrenas. Sinto rubor e confusão. O espírito, porém, está tranqüilo, e o coração em paz. Quero ser obediente vencendo repugâncias e aceitando aventuras. Mas deponho tôda inquietação. Sim, *obedientia et pax*, eis o meu lema episcopal. Que assim seja para sempre".

O lema episcopal foi a longa meditação de sua vida e bem realizado programa. Buscara-o ao Cardeal Barônio, impressionado com a regularidade com que o célebre historiador da Igreja todos os dias atravessava a Ponte de Santo Angelo, buscava a Basilica Vaticana, ia diretamente à estatua de São Pedro, e beijava-lhe os pés com estas palavras, orantes e guiadoras, — *Oboedientia et Pax!*

Mons. Roncalli exclamava: "Que grandeza poderia ser também a nossa um dia, pelos caminhos da obediência... subirmos exultantes às gloriosas conquistas da Paz"! Os Anjos receberam esta prece, e o Senhor a fez maravilhosa realidade... Porque assim o foi deveras, através de sua longa existência, dourada de obediência a Deus e rica de Paz para os homens!

* * *

Sua consagração episcopal deu-se a 19 de março, festa de São José, em 1925, na bela igreja de San Carlo al Corso, em Roma. E êle partiu para sua missão.

Na Bulgária, sua doçura foi conquistadora. Junto ao Rei, junto aos ortodoxos, junto ao povo.

A Visita era missionária, com todos os precalços e atrativos de viagens poucas seguras, penosas, frutuosas, ardentes, através da sua "floresta de espinhos". Rica de projetos generosos para o clero, festas missionárias, contactos mansos com os ortodoxos. Como lhe invadia já o coração o sonho da Unidade! E quanto sentia as limitações e os malogros...

Escrevia: "Sofremos muitas vezes com impaciência, desejando grandes êxitos espetaculares. Gostaríamos de tê-los, tocá-los com as mãos. Se os resultados dos nossos esforços não são palpáveis, julgamos regredir ao invés de progredir. Mas nisso nos enganamos". "Nós protestamos

João XXIII e o Brasil

A sociedade de todos os cristãos que professam a mesma fé e recebem os mesmos sacramentos, sob a obediência dos legítimos pastores, principalmente do Romano Pontífice, isso é a Igreja Católica.

Noventa e três por cento da população brasileira pertencem a essa igreja. Contando o Brasil mais de setenta milhões de habitantes, mais de sessenta e cinco milhões são católicos. O que constitui a maior concentração católica dentro de um país, no mundo. Isso explica, no território nacional, a existência de cento e setenta Circunscrições Eclesiásticas, das quais: 31 arquidioceses, 104 dioceses, 34 prelazias e uma abadia nullius, atendidas por 214 preladados e 11.151 sacerdotes.

Não admira, pois, a repercussão que a doença e a morte de João XXIII teve no Brasil. Jornais, Revistas, Estações de rádio e televisão acompanharam pari-passu, como em poucas nações do mundo, as vicissitudes e afinal o desaparecimento do bondoso pontífice da paz.

Um de seus últimos atos jurisdicionais foi a nomeação do Bispo de Viana no Maranhão.

Não obstante seu curto pontifi-

cado de quatro anos e sete meses, não será facilmente esquecido, já pelo Concílio que convocou, já pelas Encíclicas que publicou, especialmente as que começam pelas palavras: *MATER ET MAGISTRA* e *PACEM IN TERRIS*.

Tanto pelo estágio de nossa evolução política, social e econômica, como pelo idealismo cristão que impregna o povo brasileiro, o fato é que essas Encíclicas impressionaram fundamente a nação e repercutiram como interpretação divina de nossas esperanças e anseios de liberdade e verdadeiro progresso moral e material.

País potencialmente rico e capaz de se tornar uma das nações mais poderosas e organizadas da terra, tem, nesses dois documentos culminantes da doutrinação cristã de nossos tempos, um farol potente a iluminar-lhe o caminho, prevenindo-o dos erros, emboscadas e perigos do comunismo, do liberalismo desenfreado, do caudilhismo e outras pragas que procuraram e procuram entravar-lhe a marcha para o verdadeiro progresso.

Oxalá as manifestações de pesar oficiais e particulares pelo falecimento do augusto pontífice, que se

sucedem por todo o âmbito do território nacional, denotem um desejo sincero de aproveitar os seus ensinamentos na organização de uma sociedade justa, moralizada, pacífica e feliz.

E agora que tanto se fala em reforma agrária, que o bom senso e bondade do pequeno camponês, nascido em Sotto il Monte, e depois feito sucessor de São Pedro no supremo pontificado, inspire nossos homens públicos, na tarefa de melhorar a sorte do homem do campo, dando-lhe a estabilidade e o conforto que merece, sem atentar contra o direito de propriedade legítima e sem fazer concessões à demagogia e a interesses escusos.

João XXIII muito se interessou por essa importante parte de seu rebanho e urgiu a publicação do plano de emergência da Conferência dos Bispos do Brasil, para a coordenação da atividade apostólica da Igreja em nossa pátria.

Que lá do céu continue na sua solicitude por nós, a fim de que a nação brasileira não renegue jamais, nem por um momento, sua fidelidade a Cristo e a seu Vigário na terra.

PE. GERALDO MENEZES, C.M.F.

com veemência, nós esperamos, nós sofremos. Depois, Nosso Senhor intervém, liberta e salva..."

A pouca lealdade do Rei Boris por ocasião do casamento com a princesa Giovanna e batismo da primeira filha, trouxe horas difíceis para o Delegado Apostólico. Todavia, maior era a sua tristeza ante a divisão dos cristãos.

Mons. Roncalli recordava sempre a angústia de um velho Bispo armênio que o encontrara, e chorando ao beijar-lhe as mãos, dissera:

— Excelência, lê-se no Evangelho que o Senhor perdoa todos os pecados, menos um, que jamais será perdoado, nem na terra, nem no céu. Qual é, Excia. esse pecado? Não será por ventura o pecado das divisões na Igreja?

Aquela angústia tomou a alma do futuro João XXIII. Ele começou a trabalhar com solicitude a fim de que tudo servisse à simpatia e ao bem dos irmãos ortodoxos, as ajudas financeiras do Papa, o decóro das cerimônias litúrgicas, a seriedade científica dos livros católicos, mas sobretudo a incomensurável bondade de seu coração imenso, — tudo prejudiando aquele objetivo luminoso de união, do II Concílio Vaticano...

Em 1934, o Santo Padre Pio XI nomeou Mons. Roncalli Delegado Apostólico na Turquia e na Grécia. Obediente e pacífico, ele se despediu de um povo que aprendera a estimá-lo, de uma terra onde o sofrimento aumentara o amor. Foi no dia de Natal, e seu discurso se terminava de maneira encantadora: "Irmãos meus, que abençoção, lembrai-vos de que continuo sempre, contra os ventos e as marés, vosso fervoroso amigo. Segundo uma velha tradição da Irlanda católica, em toda as casas se coloca, à véspera do Natal, uma vela acesa no peitoril da janela, para indicar a São José e a Nossa Senhora, peregrinos da noite santa, que dentro da casa, junto à lareira, uma família os espe-

ra... Esteja eu onde estiver, até no fim do mundo, se um emigrado búlgaro passar defronte a minha casa, achará em minha janela e vela acesa, para encontrar em minha casa a mais afetuosa hospitalidade."

* * *

Na convulcionada República Turca de Mustafá Kemal Mons. Roncalli encontrou perigosa ebulição, consequência das arrojadas reformas de Ataturk, e da inflação nacionalista acirrada contra todos os estrangeiros.

E todavia foi um encanto para ele, ali sentir-se Bispo e Pastor, com sua catedral e seus fiéis. Se não pôde empreender realizações de grande vulto, dedicou-se a paciente labor, de abelha, de formiga, como ele dizia. Sobretudo nos trabalhos com os humildes. Ao falecer o velho sacristão da catedral, Mons. Roncalli quis participar das honras fúnebres, para demonstrar, observa o Livro de Tombo da catedral, que a Igreja, como o Senhor que ela representa, estima os méritos dos pequeninos como dos poderosos.

Seu espírito ecumênico ressumbrou de novo por ocasião dos funerais de Pio XI; após o soleníssimo Pontifical, dispôs que os oficiantes das absolvições fossem do rito oriental, a fim de tornar visível, na variedade dos ritos e das línguas, a unidade da Igreja em torno de seu Chefe. Foi profunda a emoção dos assistentes. E, ao anunciar a eleição de Pio XII, proclamava: "Para todas as nações cristãs, sem nenhuma diferença de disposições civis ou de tendências políticas, o Papa é igualmente pai e pastor. E até além dos rebanhos cristãos, ele não vê senão filhos de Deus, dignos de respeito, de compreensão e de amor".

No tempestuoso país, condescendendo e procurando aproximar da Igreja o governo arrogante, introduzindo o uso da língua vulgar nas leituras e orações, litúrgicas, ele

pôde contar relevantes vitórias diplomáticas, com o seu tacto, bom senso e generosíssima caridade.

Ao tempo em que vivia em Estambul, Mons. Roncalli era também Delegado Apostólico na Grécia. A Grécia de Metaxas, tão diversa da Turquia de Atatürk. A que, em oposição à promoção tumultuária de Mustafá Kemal, inclinava-se para a decadência.

O Governo como que ignorava a Religião Católica. Havia dificuldades até para o visto de entrada no país, afinal escassamente concedido, em condições de todo precárias. Mas o grande coração de Mons. Roncalli pacientemente foi lutando e vencendo. Dissipando prevenções, pondo bálsamo nas feridas, acalmando susceptibilidades, obtendo enfim, compreensão, benevolência e simpatia.

Ele buscava aplicar aquilo de Gregório Magno: *omnia videre, multa dissimulare, pauca corrigere*, ver tudo, dissimular muitas coisas e corrigir poucas.

O fim da Grande Guerra, que assolou terrivelmente a Grécia, veio encontrá-lo dono da confiança do Governo, do clero, do povo, moderador, protetor, um refúgio, um oásis de paz! Na mesma modestia de suas palavras, ele podia reconhecer-lo: "Graças a Deus, num período como esse, de calamidade para a Grécia, parece-me que a Igreja Católica, com a sua representação e coordenada atividade, não faltou ao seu dever e às suas melhores tradições. Apraz-me atestar tudo isso, ante o Senhor e o Santo Padre, que nos inspira, ajuda e dirige, repetindo o "servi inutiles sumus".

Em tão difíceis circunstâncias, movido por sua fé e sua bondade, Mons. Roncalli conseguira realizar a palavra solerte do velho monge ortodoxo, que nos primeiros anos de suas peregrinações apostólicas o saudara com profunda gentileza oriental e lhe desejara:

— "Monsenhor, auguro-lhe a brandura de Davi e a sabedoria de Salomão."

* * *

Dezembro de 1944 trouxe à Mons. Roncalli uma temerosa surpresa. Sua imprevista nomeação para a Nunciatura de Paris. Sem embargo, após um primeiro instante de indecisão, curvou-se com simplicidade ao desejo de Pio XII, por que era o Senhor quem o mandava.

Despediu-se de sua agora querida Turquia, e na noite de 27 de dezembro subiu num velho avião americano, que o carregou céu afora, qual se fôra (expressão sua) um profeta Habacuc levado pelos cabelos a cumprir as ordens do Senhor...

Difícil e delicada foi sua missão em França.

A Filha Primogênita da Igreja não se refizera ainda da guerra cruel, da ocupação inimiga, das vinganças da Resistência, dos malentendidos da cooperação, do colaboracionismo...

O Nuncio haveria de armar-se de infinita paciência, de iluminada prudência, ante as sensibilidades mesmo em face da Igreja... Mas ele venceu, desde o primeiro momento, ao apresentar-se com simplicidade e cordialidade leal, ao Chefe do Governo, no Eliseu.

Em breve, o ambiente se lhe tornou familiar.

Tudo ele fazia com calma: "um passo depois do outro, um comparecimento depois do outro: negócios, visitas, palavras, silêncios; e depois, paciência, tranqüila expectativa e sobretudo, incessante difusão de espírito sereno, dócil, e mesmo sorridente, quando preciso, sobre o que se passava ante os seus olhos".

E continuava, amável e pitoresco: "Talvez a experiência de vinte anos no Oriente me haja tornado mais ágil e pronto no desembaraçar-me das brigas do Ocidente. Toda a vez que saio de casa encontro monumentos e lembranças das variações dos destinos dos homens... A graça do Senhor ajuda-me a não olvidar jamais a minha aldeia e os campos onde os meus trabalham com simplicidade e com fé, olhando para o sol, que é o resplendor de Deus".

Concebendo a sua missão como um testemunho vivo da presença da Igreja, assim norteou sua nobreza de atitudes, alheamento de paixões políticas, desejo de paz, fazendo-se exemplo de compreensão, de estímulo, de trabalho fecundo, em tudo colocando o seu caráter afável e firme, seu bom

Ultimas lembranças

Pobreza

Tendo saído da pequenez e da pobreza de Sotto il Monte, sempre procurei não perdê-la de vista.

Quero morrer sem saber se tenho algo que me pertence. A pobreza sempre me fustigou, sobretudo quando não conseguia ajudar aos meus, que eram paupérrimos ou a algum confrade. Mas nunca me queixei disto.

Resignação e Prece

Estou tranqüilo. Sempre desejei cumprir a vontade de Deus, sempre, sempre. Rezo pela Igreja, pelas crianças, pelos prelados e bispos, a fim de que sejam santos, pelo mundo inteiro.

Concílio

O Concílio! Sabe Deus que, a esta grande inspiração, abri minha pequena alma com simplicidade. Poderá conceder-me terminá-lo?

Do céu, para onde espero — ou melhor, estou seguro — a misericórdia divina quererá levar-me, verei a feliz conclusão do Concílio.

Pacem in Terris

Esta "Pacem in Terris" como ressoa em mim! E nesse documento se encontra, antes de tudo, o humilde exemplo que venho procurando dar em toda a minha pobre vida.

O mundo despertou, pouco a pouco, à puríssima doutrina da Encíclica, doutrina exposta com amabilidade, que encontrará o caminho das consciências.

Desejos do céu

Continuaremos amando-nos no céu... desejo partir... desejo retornar junto ao meu Deus... Deixai-me agora só com o Senhor.

Intenções prediletas

Sofro com amor, mas com dor, muita dor. Ofereço minha vida pela Igreja, pelo Concílio, pela Paz.

humor transbordante, sua tranqüila confiança em Deus, sua inteligência prática, que o levava, consoante sua expressão, a não complicar as coisas simples e a simplificar as complexas.

Dessarte, entre espinhosos problemas e delicadas situações, tais como as leis escolares, a remoção dos Bispos, a Missão de Paris, os padres operários, a união dos cristãos progressistas, o movimento *Jeunesse de l'Eglise*, o Nuncio Roncalli passou conquistando amigos e admiradores, ainda entre extremados socialistas e violentos radicais, sempre afirmando sua moderação e caridade, adversário sempre de soluções precipitadas que com os ramos mais sacrificasse também o princípio generoso e a linfa de nova forma de apostolado...

* * *

Irei para o céu

Estou contente, porque me disseram que iremos para a Casa do Senhor (Salmo 121).

Concílio e Unidade

Amei a Igreja e as almas que me foram confiadas. Queira Deus possam os Padres Conciliares coroar a grande obra iniciada... Ofereço todos os sofrimentos "ut unum sint — para que todos sejam um em Cristo".

Imolação

Este leito é um altar. O altar exige uma vítima. Eis-me preparado. Tenho diante de mim a visão clara de minha alma, de meu sacerdócio, do Concílio, da Igreja Universal.

Glorificação

Com a morte principia uma vida nova. A glorificação em Cristo.

Amor filial

Eu vos abraço e vos abençoo a todos. Lembrai-vos de papai? Lembrai-vos de mamãe? Eu sempre pensei nêles. Estou contente, porque dentro em breve, os verei no paraíso. Agora rezemos. Rezemos juntos pelo papai e pela mamãe. (Aos seus quatro irmãos)

Estar com Cristo

Cupio dissolvi et esse cum Christo — Desejo morrer para estar com Cristo (São Paulo).

Que sejam Um...

Pai, guarda em teu nome aquêles que me confiaste, para que sejam um — ut unum sint. (E ainda com voz fraquíssima:) Unum... Unum...

Últimas palavras

Mater mea! — Minha Mãe! (Referindo-se a Nossa Senhora).

E veio o Cardinalato.

Ele o recebeu com aquela modéstia e simplicidade humilde que encantavam o Céu e a terra. "Não se trata de um sacramento nem de um sacramental, o Cardinalato, escrevia êle. E acrescentava, surpreendentemente: É porém uma espécie de meta, além da qual pode ocorrer que a Providência me prepare responsabilidades que sejam depois contas graves a pagar".

O Presidente Auriol, emocionado e feliz, mau grado todas as suas reticências, fêz questão de impôr, segundo a tradição, o barrete cardinalício ao Núncio Roncalli. O agradecimento fôz um breve discurso, já despedindo-se da terra gauleza: "Espero que direis de mim: era um padre leal e pacífico, em qualquer ocasião sempre amigo e seguro da França".

Apenas criado Cardial, êle fôra designado Patriarca de Veneza.

O primeiro encontro, no Canal Grande, ao pinturesco das gôndolas, estranhamente negras naquelas águas românticas, vestiu-se de singela espontaneidade, no anúncio que o nôvo Patriarca fazia de si mesmo, aos venezianos, curiosos e esperançados:

"Vós me aguardastes ansiosos. Disseram-vos e escreveram coisas que ultrapassam muito os meus méritos. Porisso quero apresentar-me a mim próprio: Como qualquer homem, provenho de uma família e lugar determinados. Com a graça de uma boa saúde física, um pouco de bom senso para enxergar rápido e claro nas coisas; com uma disposição para o amor dos homens, que me mantém fiel à lei do Evangelho, respeitoso do direito meu e do alheio, que me impede de fazer mal a quem quer que seja e me encoraja a fazer bem a todos. Venho da humildade, fui criado numa pobreza satisfeita e abençoada... A Providência me fêz percorrer as rotas do mundo... e ao fim me retorna a Veneza, terra de meus ancestrais. Não tenho novidades para vos contar, como Marco Polo... mas venho ser simplesmente vosso irmão, lhano, acessível, compreensivo..."

Desfazendo apressados juízos que o apontavam como envolvido em diplomacias e meneios políticos, em Veneza o Cardeal Roncalli revelou-se o Pastor.

Como o fôra, aliás, em toda parte e sempre, não obstante a situação em que seus ofícios e cargos o haviam enquadado enredadamente.

E êle moveu-se, com agilidade e segurança. Porque governava como pai, abria o coração a todo o mundo, tinha a paciência de esperar, confiava nos homens, tolerava e perdoava. Sabia ser firme, construir e edificar, multiplicou-se em benemerências, numa dimensão inaudita de universal caridade. "Para fazer um bom Bispo, dizia, são muito eficientes as 14 obras de misericórdia, espirituais e temporais".

Não se pode escurecer o aspecto humaníssimo de sua personalidade. Amava e citava os clássicos latinos, gostava dos estudos históricos, tinha intuição artística, não ignorava a Arte e os artistas, não desconheceu os Festivais de Cinema, as Bienais de Veneza, comemorou Gabrieli e traçou o perfil de Lorenzo Perosi.

Subia-lhe no coração o desejo da Unidade: "O caminho da união entre as várias Confissões cristãs, afirmava, é a caridade, tão pouco observada, tanto de um lado como do outro. E acrescentou: "Meu coração é bastante grande para encerrar com o desejo todos os homens do mundo! E a comoção lhe embargou a voz, e se estendeu a todos ouvintes, num silêncio mais eloquente que todos os aplausos..."

Preocupava-se também com a sorte dos trabalhadores: Com muita franqueza, e às vezes em cartas públicas, voltou-se para os empregadores, quando lhe pareceu justo pedir maior esforço de caridade e equidade em favor dos operários. Com tacto, porém, o fazia, e discrição, sem sugerir soluções específicas, mas agindo como pai solícito, em face dos filhos necessitados de luz e de amparo.

Os venezianos se lhe afeioaram grandemente: pois o viam passear sem protocolos, no meio dêles, entreter-se com o povo, no átrio das igrejas, assistir às regatas dos gondoleiros, tentando exprimir-se em dialeto com êles, numa condescendência amável, que não vinha de cálculos ou atitudes mas da necessidade de um coração amantíssimo.

Assim, fôz magnífica sua atuação na cidade da laguna, como o atestaram os êxitos da Sagrada Missão de 1955 e o Sinodo Diocesano de 1957.

Na Itália conheciam-se dissensões políticas que por vezes tentavam envolver a Igreja, em sentidos facciosos e partidários, de agudo extremismo. O Cardeal Roncalli, defendendo primeiro o *Veritatem facere*, contra ideologias discordantes do ensinamento do Evangelho, colocava-se, todavia, na linha feliz que lhe ditavam a Teologia e o coração: "Ao lado da pureza da doutrina, abrem-se os campos e os horizontes para o exercício da caridade: caridade da doação e do sacrifício; caridade que começa pelas formas do respeito e da cortesia

(Continua na pag. 186)

Suprema e universal home

O mundo inteiro pranteou com profunda dor a morte de Sua Santidade João XXIII. Sem distinção de confissões religiosas e côr política, unânimes, apressaram-se os Governos em enviar ao Vaticano, em representação oficial de tóda Nação, telegramas de pêsames pela sentida perda do Supremo Pastor da Igreja.

Ao que parece, sòmente Mao Tse-tung, da China comunista, se abs-

ALEMANHA OCIDENTAL

O Presidente Heirinch Luebke, o Chanceler Adenauer e ilustres representantes políticos enviaram condolências ao Vaticano externando a dor da nação inteira e exaltando a figura do augusto Morto.

ARGENTINA

O Presidente José Maria Guido pessoalmente levou ao Nuncio Apostólico e ao Cardeal Primaz os sentidos pêsames da nação argentina. O pavilhão nacional, hasteado por oito dias nos edifícios governamentais, significou bem o luto da nação inteira pela morte do Papa. A êste luto geral associou-se oficialmente a maçonaria argentina.

AUSTRÁLIA

O Primeiro Ministro australiano R. Menzies falou das realizações do Papa em bem da humanidade tóda.

BELGICA

Telegrama de pesar do rei Baudouin ao Vaticano. Decretado pelo Govêrno luto nacional por oito dias.

BELGRADO

O Marechal Tito telegrafou ao Cardeal Masella falando das preocupações o Pontífice extinto em favor do mundo inteiro.

BOLÍVIA

O Presidente Estensoro ordenou luto nacional por três dias e enviou telegrama ao Vaticano pela perda do Papa, tão sentida pelo povo boliviano.

BRASIL

O Presidente da República decretou, no Brasil, luto oficial por cinco dias pelo falecimento de João XXIII, a quem foram tributadas honras fúnebres como a Chefe de Estado. O Senado e a Câmara Federal, bem como as Assembléias estaduais e municipais, em todo território nacional, celebraram sessões solenes, inteiramente dedicadas a enaltecer o Papa da Paz, tão amigo do povo brasileiro. Além de outras mensagens de pesar, de personalidades gradas, e acima de tódas, sobressairam as condolências do Sr. Presidente, em nome da Nação inteira, a Sua Emcia. Cardeal Camerlengo, Bento Aloisio Masella, ex-Nuncio Apostólico no Brasil. Em todo o país foram suspensas as aulas e canceladas solenidades programadas.

CANADÁ

Lester Pearson, Primeiro Ministro fez público o profundo pesar do povo canadense pela morte do Papa, cujas benemerências grandemente exaltou.

CHECOSLOVÁQUIA

O Presidente do Conselho, W. Siroky, enviou ao Cardeal Cicognani telegrama de condolências pelo falecimento de João XXIII.

CHILE

Luto oficial em todo território da nação, decretado pelo Presidente Alessandri, em sentido pesar pelo desaparecimento do Sumo Pontífice.

COLÓMBIA

Em discurso perante a Nação o Presidente Leon Valência teceu os maiores elogios à pessoa de João XXIII.

CUBA

Três dias de luto oficial, decretado pelo Presidente Dorticós, com a bandeira içada a meio pau em todos os edifícios públicos da Ilha.

EQUADOR

Telegrama de pêsames do Presidente Arosemena ao Cardeal Camerlengo em nome da nação equatoriana. Decreto de oito dias de luto nacional.

ESPAÑHA

Condolências do Gal. Franco ao Cardeal Camerlengo. Suspensas tódas as solenidades programadas, inclusive o grandioso e tradicional desfile, comemorativo da vitória do regime vigente. Dez dias de luto nacional em todo território espanhol.

FRANÇA

O Chefe da Nação externou ao Cardeal Masella o doloroso pesar do povo francês. Prestou ainda o Conselho de Ministros, presididos pelo Gal. De Gaulle, significativa homenagem ao Papa.

HONDURAS

Luto oficial por três dias em todo o país com o hasteamento da bandeira a meio pau. Ordem do Govêrno de serem canceladas tódas as festividades anunciadas.

EM NOME DA IGREJA

O mundo perdeu um guia, a Igreja ganhou um santo. No momento em que perdemos de nosso convívio a figura impar de João XXIII, só nos resta voltarmos para Deus e pedir que repita no sucessor do grande Papa, ora desaparecido, as virtudes com que ornou a alma do Sumo Pontífice João XXIII.

De pessoa que em tão pouco tempo tenha empolgado o mundo, como êle, não tenho conhecimento. (Cardeal Câmara)

hagem de pesar ao Papa

teve de compartilhar e compartilhar neste preito universal de pesar e luto dos Chefes governamentais. De muitos deles a imprensa divulgou suas mensagens de condolências e decretos de luto nacional.

A "Ave Maria" arquiva em suas páginas uma síntese valiosa de tantos testemunhos, que soberanamente honram e prestigiam a Igreja Católica.

HUNGRIA

O Primeiro Ministro Janos Kadar enviou à Secretaria do Vaticano longo telegrama de "profunda consternação" pelo falecimento do Papa.

INGLATERRA

Elizabeth II mandou ao Vaticano sua expressão de profundas condolências pelo desaparecimento de João XXIII. Ainda por determinação da Rainha, protestante, o pavilhão inglês hasteou-se enlutado em todos os edifícios do Governo. A imprensa britânica com rara unanimidade e com relevante destaque elogiou a obra do Papa falecido.

ITALIA

Sentidas condolências do Governo em nome do povo italiano. Bandeiras içadas a meio pau em toda a vastidão nacional nos três dias de luto oficial. Fechamento obrigatório de todas as salas de espetáculos e escolas.

MANAGUA

Luto oficial decretado por oito dias pelo Presidente de René Schich, com as bandeiras hasteadas em luto.

MEXICO

Mensagens de pêsames do Presidente Lopes Mateos e do Chanceler Luigi Raymond.

NAÇÕES UNIDAS

A bandeira da ONU foi hasteada a meio pau pela morte do Papa. Por sua vez U Thant, Secretário Geral da ONU pôde declarar: Todos os diplomatas da ONU, sem distinção de credos e ideologias, sentiram profundamente o falecimento do grande Pontífice.

PANAMA

Decreto governamental obrigando o fechamento de todos os estabelecimentos. Por três dias a bandeira panamenha ficou içada a meio pau testemunhando o luto oficial da nação.

EM NOME DO BRASIL

Apresento a V. Eminência Reverendíssima e ao Sacro Colégio, em nome da Nação Brasileira e no meu próprio, os nossos sentimentos do mais profundo pesar pelo falecimento do Sumo Pontífice, o Santo Padre João XXIII, cuja ação apostolar, magistralmente consubstanciada nas encíclicas "Mater et Magistra" e "Pacem in Terris", abre novas esperanças e novos caminhos para a paz entres os povos e o progresso social da Humanidade. (Presidente Goulart)

PARAGUAI

O Presidente Stroessner enviou ao Cardeal Tisserant, decano do sacro Colégio, os sentimentos de pêsames da nação pela morte de João XXIII.

PERU

O Presidente da Junta do Governo, Gal. Lindley em telegrama ao Cardeal Camerlengo, expressou a dor e pesar do povo peruano pelo passamento do ilustre Pontífice.

POLÓNIA

A rádio e a imprensa informaram o povo polonês até o último instante da agonia e da morte do Papa.

PORTUGAL

Luto oficial por três dias com todas as bandeiras, em todo território do país, hasteadas a meio pau. Visita de condolências do Primeiro Ministro, Oliveira Salazar, ao Núncio Apostólico.

SALVADOR

O Governo decretou três dias de luto nacional, enviando o Presidente Adalberto Rivera mensagem de pesar ao Vaticano.

URUGUAI

Senado e Câmara dos deputados aprovaram o dia de luto nacional pelo falecimento do Papa. Na sessão realizada em memória do Sumo Pontífice, João XXIII, os senadores se puzeram de pé em homenagem a Sua Santidade.

URSS

Nikita Kruchev enviou telegrama de pêsames ao Cardeal Secretário de Estado. Com inusitada rapidez a Agência TASS divulgou a notícia da morte do Papa, apenas dois minutos depois de anunciada pela rádio Vaticano. O Pravda elogiou a obra de João XXIII.

USA

Declarações do Presidente Kennedy ressaltando as realizações do Soberano Pontífice. No Senado e na Câmara os parlamentares norte-americanos votaram duas moções, significando seu profundo pesar pela morte do Papa. O Secretário de Estado, Dean Rusk, transmitiu ao Vaticano esta homenagem de pêsames dos maiores expoentes políticos do país, bem como o sentido pesar de toda nação ianque.

VENEZUELA

Condolências do Presidente Betancourt ao Vaticano refletindo nelas a dor do povo venezuelano. Suspensas todas as cerimônias públicas programadas. Bandeiras içadas a meio pau em toda nação.

que ornaram o convívio humano e sobe, depois, vigorosamente, às efusões heróicas do serviço pastoral".

* * *

Entremetidos, terminara seu curso terrestre o inencho Pio XII, estrela e sol, luz ofuscadora e gloriosa, que elevara a Igreja a insuspeitado ápice, mercê de sua inteligência privilegiada, erudição vastíssima, vigorosa força de vontade e ascetismo admirável.

E o conclave de outubro de 1958, elegeu o Patriarca de Veneza.

Escolha recebida com surpresa a princípio, e com afetuosa simpatia logo após.

Então realmente, para os tempos, para as precisões, para os rumos novos, ele fora enviado por Deus, *missus a Deo*.

Cui nomen erat Joannes.

Tomou o inusitado nome de João, há séculos esquecido.

Em memória do pai, em homenagem ao Patrono de sua terra natal, para honrar dois santos que estiveram tão próximos do Senhor, o Batista e o Evangelista, e também talvez para se colocar bem junto ao povo, num nome tão popular e bem recebido, em todos os países e em todas as línguas.

Ele se apresentava com emocionante humildade: "Não queria ser o político, não queria ser o diplomata. Mas o servo de Deus, o Pastor, chamado a exercer sua missão entre os humildes". "Não desdenhava sua pobreza, sua origem camponesa. Mas evocava a experiência que o Senhor lhe ensinara, fazendo-o andar tantas terras", a fim de que pudesse esboçar o grande abraço ecumênico, e ser o apóstolo da paz e da união entre todos os homens.

E foi assim que, logo de início, a sua doçura sã, sua bondade simpática, sua ágil sociabilidade, foram ganhando a nobres e diplomatas, a jornalistas e chefes de Estado, impondo-se suavemente como uma luz cariciosa e desejada presença.

E ele se fez presente, na sua Diocese, primeiro, naquela Roma cujo povo em certa maneira se afastara de seu Bispo, prisioneiro no Vaticano, como se a sagrada solidão fosse privilégio intocável do Papa. Ele veio à rua, andava à pé, visitava as Igrejas, intervinha nas solenidades das Basílicas da Urbe, ia aos cárceres, aos asilos, aos hospitais, comprazendo-se em sentir-se no meio dos filhos amados.

Reuniu o Sínodo Romano, que não se realizava desde os tempos do Tridentino. Desejando que fosse uma miniatura de seu grande desejo, de sua obra máxima, o Concílio Ecumênico.

Herdeiro de todas as preocupações dos grandes Pontífices, já em sua primeira Encíclica, *Ad Petri Cathedram*, de 29 de junho de 1959, punha a ênfase de seu trabalho na extensão e maior conhecimento da Verdade, na restauração da unidade, no anelo da concórdia e paz entre os homens, que Deus criou irmãos, e não inimigos a cometer o crime gravíssimo da guerra. Ele propugnava pela concórdia entre as classes humanas, entre as famílias e nações. Anelava a unidade da Igreja, aos irmãos separados chamando com viva saudade irmãos e filhos, alimentando a esperança de seu regresso. Porque, "não vos convidamos para casa alheia, senão para a casa comum e paterna"... Seu desejo de paz gizava uma paz operosa, não inerte, mas militante contra o erro, contra os ódios e as rivalidades que podem destruí-la. E com afeto paternal, a todos abençoava, num vivo desejo de renovação da vida cristã.

* * *

Pontilharam seu reinado, como luzes formosamente acesas em sucessivo brilho, outras Encíclicas, como:

A do centenário do *Santo Cura D'Arce*, a 1.º de agosto de 1959, em que recorda todos os documentos pontíficos sobre o sacerdócio, e traça um programa de ascese sacerdotal no despêgo e na caridade, na pobreza e mortificação, na castidade e espírito de oração, no zelo pastoral, terminando com abençoar aos ministros do altar e os levitas e a quantos se ocupam da formação e assistência aos sacerdotes.

A *Grata Recordatio*, sobre o Rosário de Maria, a 26 de setembro de 1959, recordando a devoção de Leão XIII, indicando as intenções da paz do mundo e do próximo Concílio Ecumênico. Revela, nesse documento, que nunca deixou de rezar o Rosário inteiro, todos os dias da vida.

As Missões lhe mereceram a Encíclica *Præces Pastorum* de 28 de novembro de 1959, onde examina o problema missionário em toda a sua extensão, solicitude da Igreja pelas missões, o clero nativo e a hierarquia indígena, sua formação, a utilização dos valores locais, penetração nas classes cultas, empreendimentos de caráter social e assistencial, sempre em espírito de universal caridade; falando por último do laicato nas Missões, com diretivas para o Apostolado Leigo Missionário.

O sesquicentenário de São Leão Magno lhe inspirou a Encíclica *Aeterni Dei*, de 8 de dezembro de 1961, em que apresenta o grande Papa como Pontífice, Pastor e Doutor da Igreja Universal, apoiando-se na sua memória para um grande apelo à unidade, em vista do próximo Concílio Ecumênico, eco da prece do Senhor — *Ut omnes unum sint*, num verdadeiro amplexo de paz.

Infatigável, não omitia nenhuma oportunidade para inúmeros discursos, cartas pontíficas, radiomensagens, exortações apostólicas, preciosas alocações, salientando-se os documentos oficiais, Constituições Apostólicas e Motu Proprio, com relação ao Concílio Ecumênico, seu anúncio, indicação, Comissões Preparatórias, Abertura, etc.

* * *

Sem embargo, o que justamente caracterizou o magistério pontifício de João XXIII foram suas monumentais Encíclicas sobre a "Questão Social à luz da Doutrina Cristã", e sobre a "Paz de todos os povos, na base da Verdade, Justiça, Caridade e Liberdade", *A MATER ET MAGISTRA* e a *PACEM IN TERRIS*.

Ser-nos-ia grato lembrar a *Mater et Magistra*, de 15 de maio de 1961, doada à publicidade dois meses mais tarde, com as próprias palavras de João XXIII, em solene discurso aos operários de todo o mundo, reunidos da Praça de São Pedro:

Quatro partes.

O primeiro quadro é a síntese dos ensinamentos de três Papas, Leão XIII, Pio XI e Pio XII. Estes constituíram um grande e solene grito de alerta, na necessidade de recompor as razões da justiça e da equidade, nas relações entre operários e patrões, invocando como necessárias, tanto a intervenção do Estado, quanto a ação honesta e leal dos trabalhadores e chefes de empresas. Realce mais vivo foi dado depois ao trabalho, à propriedade, ao salário, postos agora em relação com as exigências do bem comum, e portanto sob o aspeto social. Nem se esqueceram as relações entre as comunidades, alargando assim o assunto até a esfera e plano mundial.

O segundo quadro focaliza os problemas novos que foram surgindo, referentes às relações entre a iniciativa privada e a intervenção dos poderes públicos no campo econômico, a difusão das formas associativas, a remuneração do trabalho, as exigências da justiça em face das estruturas produtivas, o gravíssimo ponto da propriedade privada, tudo fundamentado na afirmação inmutável e absoluta defesa da dignidade e dos direitos da pessoa humana.

O terceiro quadro é o que dá o tom e o caráter à este documento pontifício, pelos problemas de que se ocupa, os mais evidentes e urgentes do momento.

A agricultura, em primeiro lugar, que outrora foi a poesia e o encanto da vida, se reduz progressivamente a um setor subdesenvolvido, com o êxodo rural, o desequilíbrio entre a vida do campo e da cidade, em seu nível e produtividade. E que se há de corrigir por um desenvolvimento gradual e harmonioso de todo o sistema econômico, e adaptação estrutural da empresa agrícola. Sobretudo favorecendo a exploração familiar. O trabalho dos campos é uma vocação e uma missão.

Em segundo lugar, o reequilíbrio e a promoção das regiões subdesenvolvidas. O estado de indigência, de miséria e de fome, em que se debatem milhões de vidas humanas. É preciso recordar e acentuar o princípio de solidariedade entre todos os seres humanos, a obrigação de

socorrer com urgência, e, a mais longo prazo, a cooperação científica, técnica e financeira, respeitando sempre as características de cada país e a hierarquia de valores.

Em terceiro lugar, o desequilíbrio entre população e meios de subsistência, problema que há de ser obviado por um progresso econômico e social que respeite e promova os verdadeiros valores humanos, individuais e sociais. Sem desconhecer que todo problema humano importante situa-se em escala mundial, e deve contar com a colaboração de todos os povos, entre si confiantes, pelo comum respeito a Deus, supremo fundamento da ordem moral.

O quarto quadro é a reestruturação da convivência humana, digna, pacífica, fecunda, renovando os laços da vida em comum na Verdade, na Justiça e no Amor.

Quando apareceu a Encíclica assim a comentava a Rádio Vaticana: O Papa João XXIII ama os humildes, e o diz a eles e sabe prová-lo: aos operários, aos camponeses, aos países subdesenvolvidos. Ele é o Pontífice que vai presidir uma missa em Castel Gandolfo e conversa com os fiéis à saída. Que gosta de seguir as estações quaresmais com o povo de Roma e conclui-las com uma homília pastoral. A Encíclica é ensinada ao povo de Deus, posta a seu alcance, para ser assimilada e praticada. Quanto tiverem conhecimento dela, os humildes saberão que foram compreendidos, que a Cátedra de Pedro não lhes ignora as dificuldades, nem as aspirações, nem os direitos."

Terris, é imperativo salientar duas importantíssimas orientações:

a) Aceita João XXIII um vasto campo de colaboração aos católicos, com outros cristãos, e mesmo não cristãos, "nos quais todavia está presente a luz da razão e operante a honradez natural... Com atenção, todavia, de modo que sejam coerentes consigo mesmos, sem descer a compromissos em matéria de religião e de moral. Mas mostrando, ao mesmo tempo, espírito de compreensão, desinteresse e disposição a colaborar lealmente na consecução de objetivos bons por natureza, ou que pelo menos se possam encaminhar para o bem".

b) Mais uma preciosa diretiva: "Não faltam almas dotadas de particular generosidade que, ao enfrentar situações pouco ou nada conformes com as exigências da justiça, sentem-se arder no desejo de tudo renovar, deixando-se arrebatados por tal ímpeto que parecem propender para uma espécie de revolução. Lembrem-se, porém, de que, por necessidade vital, tudo cresce gradualmente. Também nas instituições humanas, nada se pode renovar senão agindo de dentro, passo por passo". E cita Pio XII: "Não é na revolução que reside a salvação e a justiça, mas sim na evolução bem orientada. A violência só, e sempre, destrói, nada constrói: só excita paixões, nunca as aplaca; só acumula ódios e ruínas, e não a fraternidade e a reconciliação. A revolução sempre precipitou homens e partidos

ELOGIO FUNEBRE DE JOÃO XXIII NA BASÍLICA VATICANA

Embora seu pontificado tenha durado apenas quatro anos e quase sete meses, é impossível enumerar, ainda que brevemente, todas as obras empreendidas por João XXIII, não somente para incrementar o desenvolvimento da Igreja, como também em benefício de toda a humanidade.

Em todas as iniciativas, ele teve sempre como objetivos fundamentais o fortalecimento da Igreja, a volta dos cristãos separados à casa de Jesus Cristo e a paz universal, fundada na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade.

Fundamentado na Justiça e na Verdade, ele falava a linguagem do amor!

Poucos meses antes de seu passamento, a 11 de abril, quinta-feira santa deste ano, João XXIII assinava outro documento notável, a Encíclica *Pacem in Terris*.

Há um nota íntima do Pontífice, acerca desta Encíclica: "Como ela ressoa em mim! Nesse documento encontra-se, antes de mais nada, o humilde exemplo que venho procurando dar, em toda a minha pobre vida, de um homem bom e pacífico"... "O mundo despertou, a pouco a pouco, para esta doutrina pura. A Encíclica exorta com amabilidade, e há de encontrar o caminho das consciências".

Na realidade, ela veio como um murmúrio manso e bem acolhido. Voou a todas as partes, todos os corações a vem recebendo. Porque, numa santa ambição confiante, João XXIII a dirigia, não somente aos filhos da Igreja, mas "a todas as pessoas de boa vontade".

Quatro partes orgânicas, e exortações pastorais.

Primeiro a ordem entre os seres humanos, supondo direitos e deveres, recíprocos, colaboração mútua, em senso de responsabilidade, para a convivência na verdade, na justiça, no amor e na liberdade.

Segundo, as relações entre os seres humanos e os Governos. A legítima autoridade, que em tudo há de visar o bem comum, para harmonizar e tutelar os direitos e os deveres individuais, promovendo-os também, em legítima intervenção que respeite a liberdade.

Terceiro, as relações entre as comunidades políticas que tem também direitos e deveres mútuos, e que, pois, se devem basear na Verdade e na Justiça, respeitando as minorias e sempre agindo em dinâmica solidariedade, promovendo o desarmamento e a ascensão das comunidades.

Quarto, as relações de indivíduos e comunidades em face da comunidade mundial, em melhor organização da autoridade pública com relação ao bem comum universal, caminhando, pelo princípio de subsidiariedade, para uma autêntica Comunidade Mundial.

Entre as diretrizes pastorais que finalizam a *Pacem in*

na dura necessidade de reconstruir lentamente, após dolorosos transe, por sobre os escombros da discórdia".

* * *

João XXIII foi o grande Papa do Concílio Ecumênico. Está na memória de todos a grandiosidade daquela assembleia, a comovedora visão da unidade da Igreja, a emocionante participação dos observadores não católicos, no sentido de se começar a lenta e formosa estrada da Unificação.

Ele escreveu sobre o Concílio, também este pensamento íntimo: "Deus sabe que a esta grande inspiração abri minha pequena alma com simplicidade. Conceder-me-a terminá-lo? Bendito seja! Não o desejará? — Do céu, onde há de me levar a misericórdia divina verei sua feliz conclusão!"

O II Concílio Vaticano foi, desde o início, o mais universal dos panoramas, multicolorido caleidoscópio de todas as faces da Igreja, o mais largo e compreensivo, o mais real e bem-aventurante amplexo que poderia estreitar a Igreja da terra, ainda militante, e antecipando, todavia, a luminosa união da Igreja do Paraíso.

Singular emoção invadiu todos os corações. Os fiéis, com o coração ansioso e cheio de esperanças; os Bispos, reconcentrados na responsabilidade, na expectativa, no zelo; observadores e convidados, príncipes e jornalistas; todos entendiam que a Santa Igreja iria voltar uma página de sua história, acender novos lumes, rejuvenescer, agigantarse, para continuar a ser, com fidelidade e ventura, a grande nave super-espacial, que leva os filhos de Deus à casa altíssima do Pai.

João XXIII falou: "Jubiloso, pela realização do Concílio, afirmação da continuidade do magistério da Santa Igreja, agora em excepcional caráter solene, uma como resposta às exigências e esperanças do mundo de hoje.

Flor de inesperada primavera, visa propor com eficaz firmeza o depósito sagrado da Revelação Cristã, procurar

um reajustamento salutar, aumentar as riquezas espirituais da Igreja, com energias novas, oportunas atualizações, organização da colaboração mútua, no objeto comum.

As condenações do erro, a Igreja de Cristo prefere os remédios de misericórdia. O Concílio não mira a discussão de pontos de Fé, mas renovar a adesão serena a todo o ensino da Igreja, apresentado em sentido apostólico, num impulso de conquista, anelando uma penetração doutrinal que complemente a formação das consciências, dentro da doutrina autêntica".

E aquêle venerando ancião vibrava num entusiasmo moço, corporificando a Igreja de Jesus, na esplêndida força de uma eterna juventude.

O início dos trabalhos foi lento e cauteloso, um como ensaio de caminhos e métodos, na convergência, humanamente inatingível, de quase três mil inteligências e vontades diversificadas ao extremo, na sua estrutura, realidade ecológica, condições de vida, ambiente nacional, clima cultural, usos e tradições... E todavia não foi difícil que se enunciassem logo os denominadores comuns de colocação sobrenatural dos objetivos, de consciente e inflamado zelo pastoral.

Em tal maneira, que ainda as grandes tendências, do desejo de ousadas experiências, de apêgo a usos tradicionais, de vias médias entre a riqueza do passado e o imprescindível progresso de adaptação — condição biológica de sobrevivência — buscam encontrar-se no florido ramallete da caridade que, na diversidade de opiniões, alcança sempre a concórdia dos corações.

Dessarte, a unidade de expressão e a identidade de propósitos elaboraram, enfim, o clima do Concílio, superando tôdas as diversidades de opinião, variedade dos ângulos, oposições de pontos de vista.

E os esquemas se amolduraram, finalmente, na perspectiva renovada de um reajustamento fecundo, iluminado de zelo pastoral intenso.

Observadores não católicos eram uma simpática presença nas sessões do Concílio. Eles não ouviram, durante todos os trabalhos, nenhuma palavra áspera, nenhuma expressão inamistosa. Ainda quando se levantavam as vozes que advertiam contra fáceis e falsos irenismos, soluções cômodas mas diminuidoras da Verdade, compromissos que não honrassem a ortodoxia e a caridade legítima, ainda quando ao de leve se recordaram as antigas descórdias, tudo se fazia num ambiente sincero, de exame leal, de imenso afeto e incontido desejo de um termo feliz a dissídios seculares.

E por certo, na intimidade de suas consciências e na sinceridade de suas apreciações, os "Observadores Caríssimos" não se sentiam tão separados, nem tão dissidentes...

As sessões do Concílio se abriam, tôdas as manhãs, com a celebração da Santa Missa, dialogada por todos os Bispos do mundo. Era emocionante: a Voz da Igreja, nos mais variados acentos, de remotas distâncias, ritos diferentes, vestes peregrinas, tôdas as côres, no ramallete formoso da unidade, da resposta comum, nos lábios, nos corações...

A primeira vez que um Bispo de África rezou a Missa de Abertura, tivemos todos o sentimento vivo da promoção da raça negra. Décênios atrás, aquêles homens de cor eram desprezados, vendidos sem pejo, eliminados sem remorso... e agora, na Catedral da Cristandade, sob a mais nobre cúpula do mundo, ante a mais angusta das assembleias, alcandorados à excelsa dignidade de Pastôres, eles comandavam a prece comum, na Missa dialogada por todos Bispos do Universo!

Perguntaram a um menino o que êle pensava do Concílio Ecumênico. E a criança deu esta saborosa definição descritiva: Os Bispos põem uma coroa de ouro na cabeça, e vão à procura do Espírito Santo. E quando o encontram, todos nós seremos melhores...

— Obra prima de compreensão infantil. No seu concretismo, êle pôs juntos, o Papa com a dourada tiara das grandes solenidades, e os Bispos, tão unidos ao Romano Pontífice que fazem um com êle, na autoridade e zelo pela Igreja. No seu dinamismo, êle traçou a rota de tôdas as atividades conciliares, imaginando os Bispos em busca do Espírito Santo, na realidade vivida desse espírito sobrenatural que foi o clima do Concílio. No seu pragmatismo,

êle sonhou a desejada meta dos labores conciliares, na mais atuosa presença pastoral da Igreja, para o afervoramento de todos os corações.

João XXIII saudou, na última assembleia da I Sessão os resultados e as promessas, a preciosa experiência, tôdas as luzes e bênçãos do Senhor, nesse Parlamento de Deus.

E há de ver, nas luzes do Paraíso, os frutos maravilhosos de seus esforços, agonias e preces...

* * *

Não poderíamos olvidar neste momento, o carinhoso amor que o chorado Pontífice demonstrou por nossa Pátria brasileira. Falava do Brasil, citava Brasília nas suas audiências como um exemplo de religião e confiança em Deus, disse-nos que desejaria ter asas para voar a ver nossa terra, generosa e cristã.

Na inauguração da nova Capital do Brasil, êle esteve três vêzes presente: Pelo seu Embaixador, o Exmo. Sr. Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi. Pelo seu Legado Pontifício, o Exmo. Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. E pela sua augusta palavra, na mensagem que êle gravou, lendo em português, para a histórica cerimônia.

São preciosíssimas suas palavras, na Carta Apostólica e no Discurso: "Com afeto paternal e gratamente emocionado, tributamos o merecido louvor ao nosso querido Brasil, que, inaugurando Brasília, nova Capital Federal, fundada com grande fé e cerimônias santíssimas, deseja ardentemente implorar a proteção e graça da Divina Majestade.

O esplendor da civilização cristã refulja exemplarmente em Brasília, irradiando ao largo e ao longe; aí a sabedoria cristã dirige as decisões, e os costumes brilham pela santidade e pela nobreza; aí reine a concórdia entre os cidadãos; aí, a fortaleza junta à doçura, à justiça, fundamento de toda ordem verdadeira, a benevolência para com os estranhos, a alegria serena, a confiança no futuro, as obrigações da fraternidade e a paz, encontrem a mais seleta morada. Cultive e propague Brasília tudo aquilo que é reto, nobre, excelso, e o seu nome ressoe cada vez mais digno de respeito e de estima, no espaço e no tempo. Seja feliz e faustoso o seu nascimento; que todo o bem desejável, sem quebra, viceje e floresça nela para sempre!"

"Brasília há de constituir assim um marco milenário na história já gloriosa das terras de Santa Cruz, abrindo novos sulcos de amor, de esperança e de progresso entre suas gentes, que, unidas na mesma Fé e língua, tornar-se-ão aptas aos maiores cometimentos. Pedimos a Deus que, continuando a derramar a abundância das suas graças, faça do Brasil uma Nação cada vez mais forte, grande e livre, à luz do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja, contra tudo aquilo que lhe pode minar a força, comprometer a grandeza e diminuir a liberdade."

A 12 de maio deste ano, quase como um testamento para os filhos do Brasil, João XXIII enviava uma comovedora mensagem as mães brasileiras, encorajando-as no desempenho de suas difícil missão. "Como aquelas mães que levavam seus filhos a Jesus, também vós mães do Brasil, confiai à proteção do Senhor e de Maria Santíssima as crianças do vosso lar, para que crescendo no corpo, cresçam também na virtude e no amor de Deus. Neste momento em que a sementaria é tão grande e tão poucos os operários, que Deus vos faça compreender quão grande é a honra de dar um filho ao apostolado. Nós, humildes Vigários de Cristo, que temos exortado os homens à manutenção da paz, reafirmamos que a Paz na Terra baseia-se na paz da consciência, na paz da família. Invocando do Altíssimo as mais preciosas graças sobre todos os brasileiros, a êles concedemos a nossa bênção apostólica"...

* * *

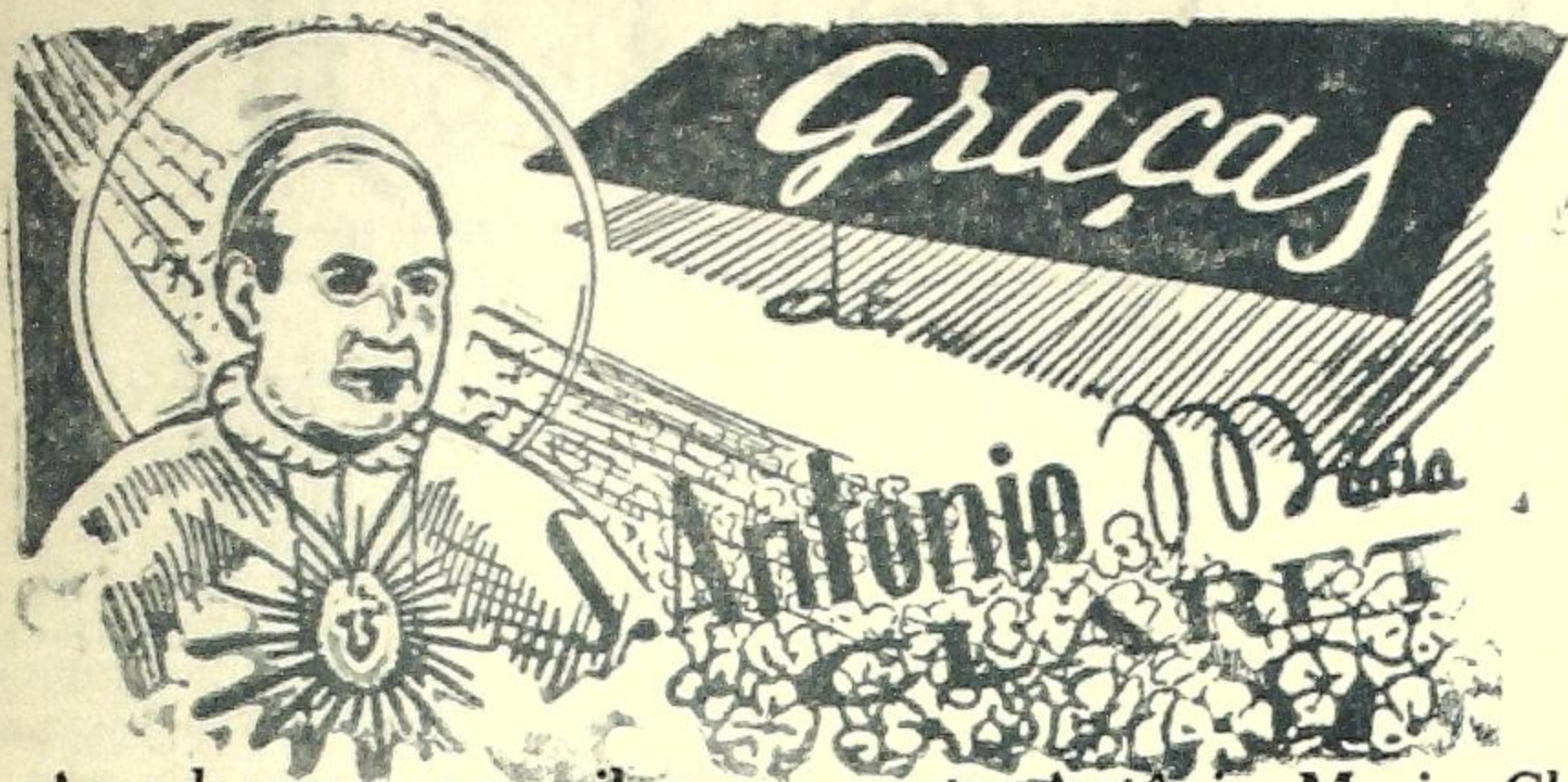
Resta-nos apenas o êxtase final.

A última lição, agoniada, emocionante.

O legado que nossos corações vão guardar.

E fazer dêle um memorial e um programa vivo.

Circunvalado das preocupações de todo o universo, João XXIII chegou ao seu termo glorioso.



Agradecemos ao milagroso santo Antônio Maria Claret os favores, obtidos de Deus, por sua valiosa intercessão.

— a cura de uma doença. Isabel da Silveira Campos, de Salto

— o bom êxito em meus negócios. Odilon de Sousa Godoi, de Mogi Guaçu

— o feliz parto de minha nora Maria Aparecida. Irene Machado, de São Gonçalo

— a melhora na saúde de meu irmão Oswaldo. Marina de Magalhães Oliveira, de Rio de Janeiro

— a boa colocação conseguida por meu marido. Nadir V. Ferrari, de Pinhal

— ter César Augusto recuperado sua saúde.

Nair Affonso e Hilda Affonso Drumond, de Presidente Prudente

— a boa colheita que tivemos com uma plantação de arroz. Adrião Tena, de Guaiuvira

— graças em favor de meu sobrinho Paulo Roberto. Maria Aparecida Ferraz, de Sorocaba

— graças concedidas em meu favor e de minha família. Pacífica Minatti Benetti, de Ibitiúva

— graças em favor de meu filho. Luzia Minucci, de Belo Horizonte

— sua proteção em bem de minha filha

Dorinata. Dulce Coelho Alves, de Belo Horizonte.

— graças alcançadas em bem de minha mãe. Cecy Aparecida Rocha de Aguiar, de Santa Gertrudes

Odilon R. Santiago de Rio Casca

Joamenek Filho de Bebedouro

Francisca Viana de Niteroi

José L. Silva de Diamantina

Onofre Pinto de Ubá

Leontina B. Augusto Zuleica Branco de Cravinhos

Ercília B. Bordini de Ribeirão Preto

Neide Ganzelli de Botucatu

Edina A. Gonçalves de Cataguases

Um devoto de Rio Preto

Andelina S. Andreatta de Curitiba

Marina Trevisani Scotto de Itapetininga

Maria Marques Silva de São Paulo

Ledioneta de Andrade de Guariba

Olinto Ceretta de Ijuí

Janice C. Silva de B. Horizonte

Maria Delvair Aranda de J. Távora

Luís C. Sollon de Limeira

Maria Neves Vieira de Viçosa

Maria Caldeira Leal de Salinas

Carlos A. Mourão de Juiz de Fora

Pedro S. Bertoni de Santo André

Maria Balestri Sanzogo Romilda Sanzogo Buoro de Jau

Seu leito de dores se transformou numa cátedra de ensinamento admirável:

Um poema de santidade, em frases escandidas, luminosas, ardentes:

"Espero e receberei com tóda a simplicidade e alegria, a chegada de nossa irmã a morte, nas circunstâncias que desejar o Senhor.

Aceito a vontade de Deus. Se Ele quer o sacrifício de minha vida, que seja para que se obtenham copiosos favores para a Igreja, o Concílio Ecumênico e para a humanidade que deseja a paz.

Este leito é um altar. O altar exige uma vítima, Eis-me, estou pronto. Tenho ante mim a visão clara de minha alma, de meu sacerdócio, do Concílio, da Igreja Universal. Estou tranqüilo. Rezo pelas crianças, pelos enfermos, pelos Bispos, pelo mundo inteiro, a fim de que sejam santos.

Em meus colóquios com o Senhor, tive sempre diante de mim a Jesus Cristo Crucificado com os braços abertos para acolher-nos a todos..."

Ele recordava seu Retiro de 1961: "Sobretudo, quero insistir no cuidado em permanecer na santa intimidade com o Senhor, mantendo-me em conversação tranqüila e amorosa com o Verbo do Pai feito Carne, Centro e Vida do Corpo Místico. Numa fraternidade contínua, divina e humana, pela qual sou seu irmão adotivo, e assim, o filho de Maria, sua Mãe."

E acompanhava com especial agrado as orações e cânticos em honra de Maria, a quem tanto amava!

Bem no acaso, parecia que atingira as vias unitivas da ascense, repetindo as palavras do Senhor como em carinhoso diálogo: "Eu sou a ressurreição e a vida!"

E no ponto final da sua gloriosa carreira, a expressão admirável de uma alma eleita de Senhor Jesus:

"Sofro com amor.

Continuaremos amando-nos no céu. Quero partir. Quero voltar para meu Deus.

Deixai-me, agora, a sós com o Senhor!"

* * *

...E foi assim que ele partiu, na tranqüilidade macia de uma chama que dorme, de um zéfiro que se acalma, de um luz que fenece silenciosa, de uma alma que desabrocha alvissareira, no abraço amoroso de Deus...

* * *

No tempo de São Francisco de Sales, diziam edificadas os seus filhos: Se Jesus voltasse à terra haveria de ter a suave fisionomia do Santo Bispo de Genebra.

Em nosso saudoso amor filial, hoje, nós aventuramos: Se Jesus voltasse à terra, revestiria a bondade e a doçura do Papa João XXIII.

FABIOLA

REFLETINDO E SONHANDO

Tendo-se retirado Inês Fabiola, despedindo as escravas, foi recostar-se no leito, quando, com desgosto seu, se lhe deparou sobre ele o estilete com que tinha ferido Sira. Abriu uma caixa, para onde o lançou com horror.

Tomou um livro que começara a ler, e que muito a tinha divertido, mas achou-o frívolo e insípido. Tornou-o a fechar, e, dando livre curso a seus pensamentos, começou a refletir sobre os acontecimentos do dia.

Primeiramente, parecia-lhe que sua prima Inês era uma jovem singular, tão pura e tão simples, tão sensível e juntamente tão virtuosa. Fabiola resolveu ser uma protetora, e havendo-se para com ela como boa irmã. Bem como seu pai, observara também as frequentes vistas que Fúlvio lhe lançava, onde julgou divisar toda a perfídia de que Inês poderia ser vítima.

Resolveu a todo o custo frustrá-la.

Depois a conversação de Sira, e tudo o que dela resultara, lhe passou pela mente.

Seu orgulho abatera-o uma escrava, e a sua indole tornara-se mais branda e benigna sem que soubesse porque.

Se houvera podido abrir os olhos naquela hora e olhar para além deste mundo, teria visto uma nuvem, transparente como o fumo do incenso e refletindo as mais mimosas cores, elevar-se do leito de uma escrava ajoelhada, a orar, oferecendo o sacrificio espontâneo da sua vida para a salvar.

Fatigada, procurou, enfim, repousar. Adormeceu profundamente e sonhou.

Parecia-lhe estar num delicioso jardim, resplendente de luz e atapeado de flores, no centro do qual viu a pobre cega, tendo dum lado Inês, e do outro Sira. Fabiola sentiu um desejo irresistível de se chegar a elas. Pareceu-lhe que gozavam duma felicidade que jamais experimentara, e lhe acenavam para que lhes falasse.

Deu-se pressa em aproximar-se-lhes, e eis que um profundo e medonho abismo, no fundo do qual rugia uma torrente, as separava. De repente, as aguas cresceram

até chegar à borda do precipício, e, não obstante a sua profundidade, corriam ali, mansas e cristalinas.

Mesclou-se ao sonho o génio sombrio de Calpúrnio e em seguida o vulto meigo de Sebastião. Dissipou-se afinal a visão e Fabiola mergulhou num sono tranqüilo e reparador.

CAPÍTULO IX

O SOLDADO E O JOVEM

Dos vários montes de Roma, o mais praticável é o Palatino.

Augusto tinha-o escolhido para sua residência e seus sucessores seguiram-lhe o exemplo, mas foram gradualmente transformado a modesta residência num palácio que ocupava quase todo o monte.

Era aí o aposento ocupado por Sebastião, como tribuno ou oficial superior da guarda imperial.

Consistia em poucos quartos, mobiliados tão modestamente como convinha a um soldado, e sobretudo a um cristão.

A família compunha-se de duas servas libertas e de uma venerável matrona que o criara e o estimava como seu filho.

Eram todas cristãs e cristãos eram igualmente todos os soldados da sua coorte. Ao anoitecer, Sebastião subia a escada do vestibulo que dava acesso ao pátio em companhia dum jovem.

Panocrácio admirava e amava Sebastião. Não era, porém, como soldado de César, mas como campeão de Cristo, que o mancebo amava o tribuno, cuja generosidade, nobreza, que infundiam cega confiança a todos os que viviam sob suas ordens. E Sebastião, por sua vez, amava Panocrácio, pela simplicidade do seu coração e pela inocente candura do seu espirito.

ESPERANÇA

Ao entrarem na parte do palácio, cuja guarda estava a cargo da coorte de Sebastião, disse ele a seu companheiro:

— Todas as vezes que entro aqui, admiro como por um bondoso ato da Providência se acha a entrada do palácio de César o arco que simboliza ao mesmo tempo, a queda de um grande sistema antagonista do cristianismo e o cumpri-

mento da sagrada profecia do evangelho: a destruição de Jerusalém pelo poder romano. (1) Nutro a esperança de que, um dia, outro arco se levantará também, para comemorar a vitoria alcançada sobre o segundo inimigo da nossa religião: o império pagão de Roma.

— Que dizeis?! Considerais a queda deste vasto império como o meio de estabelecer o cristianismo?

— Deus me livre de desejar tal! Daria meu sangue até a última gota para impedir semelhante catástrofe. E talvez o império se converta, não lentamente, como nos imaginamos, mas por algum meio desconhecido dos homens, e que só o Todo-Poderoso conhece. Então poderemos exclamar: Eis a mudança operada pela mão do Altíssimo!

— Não há dúvida; mas a ideia de um arco triunfal, ereto pelos cristãos, deixa perceber que esperais algum auxilio da terra; donde imaginais que poderá vir?

— É verdade, Panocrácio, devo confessar-vos que meu pensamento tem por alvo alguém da familia de Augusto, que se mostra inclinado a melhores sentimentos que seus parentes: quero falar de Constantino Cloro.

— Mas, Sebastião, quantos sábios da nossa religião pensam e até afirmam que tais esperanças se tiveram também nos reinados de Alexandre, Gordiano e Aureliano, e que, sem embargo, não se realizaram? O mesmo, dirão deles, é provável que agora aconteça.

— Bem o sei, querido Panocrácio, e tenho deplorado acerbamente essas alternativas que afrouxam a nossa energia, fazendo-nos ver que a vingança é perpétua e a mercê pouco duradoura e que nem o sangue dos mártires, nem as orações das virgens têm tido o poder de dilatar essas épocas de tolerância.

MAS ANTES, FERAS

Neste momento chegaram ao aposento de Sebastião, cujo quar-

(1) Arco triunfal de Tito, onde se acham representadas as ruínas do templo.

Ouvindo os conselhos do Papa!

Haviam combinado que a reunião seria diferente e ninguém poderia faltar. Todos deveriam trazer gravata preta e guardar um minuto de silêncio. Os "Amigos de Jesus" prestavam uma última homenagem ao Papa que acabava de morrer...

Na hora aprasada, cada um tomou seu lugar e sinceramente comovidos, de pé, evocaram a bondosa figura de João XXIII, o Sumo Pontífice, desaparecido.

Depois do breve instante de silêncio, Maneco tomou a palavra e principiou pedindo que cada um lesse o que havia trazido: artigos de jornais, páginas de revistas, enaltecendo Aquêle que em pouco tempo, havia dado tão maravilhosa contribuição para a humanidade.

Todos cooperaram, lembrando as obras de João XXIII, falando nas Encíclicas que deixou, no Concílio que reuniu em Roma, todos os bispos do mundo...

Zequinha leu episódios de sua vida, Janjão catalogou frases, Maneco falou sobre seus últimos instantes e da moléstia que o arrebatou para o céu.

Faltava Joãozinho dizer alguma coisa.

Ele pediu licença para exhibir uma fotografia onde o Santo Padre aparecia, com seu natural sorriso de bondade, a visitar crianças enfermas, num dia de Natal.

— Como Jesus, Ele amou as crianças! disse, gravemente. E nós lhe devemos gratidão. Reparem na fotografia que eu trouxe. Debruçado sobre as crianças, João XXIII as acolhe com paternal bondade. O que teria dito a elas, nessa ocasião, o terá repetido, muitas vezes, à todas as crianças da terra. Se amamos, verdadeiramente o Papa reverenciemos sua memória, ouvindo e pondo em prática os seus conselhos. Ele pregou a bondade, Ele quis a Paz para o mundo, Ele almejou a mão de todos os fiéis, lembrando o "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS"... Cada um, no mais íntimo do seu coração, deve contribuir para que todos estes belos sonhos se realizem!

— Se eu fosse um dos graúdos do mundo, acabava com as guerras! Quisessem ou não, todos teriam que viver em paz!... Nada de bombas atômicas, nem de canhões!... exclamou, todo afobado o Maneco. Fazia, direitinho, tudo que o Papa desejou e as coisas seriam outras!... O mundo caminharia num mar de rosas!

E ele afirmou, fungando:

— Ah!... quando eu crescer, mesmo sendo um Zé-ninguém, vou fazer alguma coisa, vocês verão! Acho que entro para a política, e então... se vocês me ajudarem...

Joãozinho achou de bom alvitre, acalmar tanto entusiasmo:

— Muito bem, meu caro! São belos planos, para o futuro, mas o que vale é o presente. Não adianta fazer planos. Eles podem gorar!

— Mas...

— Pensemos, no presente, Maneco! Só ele nos pertence!

E Joãozinho tornou a repetir:

— Reverenciemos a memória do grande Papa João XXIII, ouvindo e pondo em prática os seus conselhos! Agora! Sem tardar!

Maneco concordou:

— Você tem razão, Joãozinho! Mas... o que faremos?

— Cada um responderá, para si mesmo, esta pergunta.

Foi nesse instante que o Maneco se tornou sombrio, olhando de sobrolho carregado para o Joca, sentado à sua frente. Joca, o detestado primo do Fernando que certa vez lhe dera uns valentes pescoções.

Maneco não o suportava!

Mas... o Papa havia pregado o amor ao próximo. Havia amado a paz! Ele precisava, segundo seus conselhos, perdoar esse desastoso Joca. Esquecer-lhe as maldades e lhe estender a mão!

A idéia que lhe pareceu difícil, a princípio, encorajou-o depois. Ia lá, esperar o futuro? E se ele não chegasse?!... O filho da empregada não havia morrido de uma doença qualquer? E quantos outros rapazes de sua idade já haviam perdido a vida, sem esperar?

Joãozinho tinha razão! Só o presente nos pertence!

A reunião havia terminado. E enquanto os rapazes se despediam, Maneco arranjou um jeito de ficar perto do Joca, e foi dizendo:

— Sei que você gosta de macarrão...

O outro olhou para ele, de cara meio amarrada:

— Sim! E daí?

— Queria convidá-lo para almoçar comigo, amanhã! Aceita?

Joca apertou a mão que Maneco lhe estendia, e respondeu:

— Aceito, sim! Com muito prazer!

— Então, até lá!

— Até lá! Conte comigo!

Maneco seguiu seu caminho sentindo-se feliz. Era sua primeira contribuição. Miserável, pequena, sem importância... Outras maiores haveria de oferecer!

to principal estava alumiado e evidentemente preparado para receber alguém.

Em frente da porta estava uma janela aberta sobre um terraço que corria ao comprido do edifício.

A noite era bela, os dois jovens não puderam furtar-se ao desejo de sair para o terraço. Esplêndido panorama se desenrolava a seus olhos.

Dois anos mais tarde, às mesmas horas da noite, Mônica e Agostinho, sentados no terraço de óstia, se alteavam em espírito da contemplação das belezas do firmamento à contemplação dos esplendores eternos.

Depois de longos instantes de

enlévo, Sebastião rompeu o silêncio.

— Queria mostra-vos aqui onde estamos e nesta mesma praça que pisamos o lugar onde se me afigurou ver erguer-se o arco de triunfo de que vos falava.

— Perdoai-me, Sebastião, redargüiu o jovem com olhar meigo e simpático, perdoai-me se, ao passo que vêdes no futuro erguer-se um arco para recordar o triunfo do cristianismo, eu já descubro diante de mim, levantando e construído, um arco através do qual passaremos, para conduzir a Igreja ao triunfo, e alcançarmos também nós a glória dos bem-aventurados.

— Que quereis dizer com isso,

meu caro amigo?

Pancrácio estendeu então a mão para o lado esquerdo, e disse:

— Vêdes ali, meu nobre Sebastião, às arcadas do anfiteatro de Flaviano?

— Ouve-se o rugir do leão nas faldas do Célio! exclamou Sebastião surpreso. Acabam de chegar feras ao vivarium do anfiteatro; ontem não vi lá nenhuma.

— Sim, escutei, continuou Pancrácio, parecendo que não notara a interrupção do seu amigo. São as trombetas; eis a música que nos saudará no dia do nosso triunfo.

Ambos ficaram um momento silenciosos.

(Continuará)

DIABETES

Finalmente descoberto um novo tratamento para os diabéticos do mundo inteiro, graças ao uso do
COPO MEDICINAL

O copo medicinal representa um grande avanço da Ciência no tratamento da Diabetes, mal até hoje tido como incurável. Feito de determinada madeira, ao se adicionar água comum, esta adquire imediatamente um sabor excessivamente amargo, combatendo enxaquecas, males do estômago, fígado, intestinos, atuando ainda em certos casos como poderoso agente regulador da pressão sanguínea. Este tratamento, além de não ter nenhuma contra-indicação, pode ser usado por pessoa de qualquer idade. Centenas de diabéticos, tendo feito o uso exclusivo deste novo tratamento, obtiveram em pouco tempo melhoras notáveis e o desaparecimento total dos sintomas característicos da doença. É na verdade um fato inacreditável. — Preço para todo Brasil, Cr\$ 500,00. — Atende-se pelo reembolso postal. — Descontos para revendedores. — Pedidos e Informações: Distribuidores do Copo Medicinal — Caixa Postal, 11 — CARANGOLA — MINAS GERAIS — Brasil.



MADUREZA (GINÁSIO-CLÁSSICO ou CIENTÍFICO)

DESENHO ARTÍSTICO - DESENHO PUBLICITÁRIO
DESENHO MECÂNICO - DESENHO ARQUITETÔNICO

OUTROS CURSOS: CONTABILIDADE MODERNA - INGLÊS - PORTUGUÊS - COMERCIAL PRÁTICO - CORRESPONDENTE - TAQUIGRAFIA PROPAGANDA E PROMOÇÃO DE VENDAS.

DOM BOSCO - ESCOLAS REUNIDAS

R. Formoso, 393 — Cx. Post. 7754 — Tel. 37-1920 — São Paulo

Sr. Diretor

Solicito grátis e sem compromisso prospectos completos sobre o curso de: _____

Nome: _____

Rua _____ N.º _____

Cidade: _____ Est.: _____

L. A. R.



milhões de

Meias

Grande depósito atacadista de

MEIAS — CAMISETAS — LENÇOS — TOALHAS

Imenso e variado estoque de meias das mais afamadas marcas. Despachamos por reembolso para todo o país — Peçam-nos prospectos com relação de preços.

MILHÕES DE MEIAS

Rua 25 de Março, 564 — SÃO PAULO — Fone 32-7581

15 MESES ?!

SIM, 15 MESES!

Em apenas 15 **MESES** você aprenderá a ler **TUDO** em **INGLÊS**, estudando por correspondência pelo revolucionário método do prof. Allanson. E, com um pouco de vontade, você aprenderá, também, a **FALAR**.

Preencha o cupom abaixo e remeta-o à

Escola ALLANSON,
R. Quirino de Andrade, 155,
1.º andar, cjn. 106,
São Paulo

Queira mandar-me sem compromisso, seu folheto descrevendo como eu poderia aprender tanto em tão pouco tempo.

(Favor escrever em letra de FÔRMA)

Nome _____

Rua _____ N.º _____

Cidade _____

Estado _____

Senhoras e Cavalheiros

BLUSAS PARA O INVERNO

"HELANCA SUPER-LUXO"

Mangas cumpridas
números 42 - 44 - 46 - 48 e 50
todas as cores

Por apenas Cr\$ 3.980,00

Não mande dinheiro; pague somente ao receber a mercadoria na Agência Postal de sua cidade.

FREGUES SATISFEITO OU DINHEIRO DEVOLVIDO

PEÇA HOJE MESMO PARA

S. J. Furlan

Av. Cap. Rabello, 667

SÃO SEBASTIAO DA GRAMA
S. P.